

# Em debate, a palavra no palco

Dois espetáculos em cartaz fazem investigações radicalmente opostas. Em 'Éticas', que encerra temporada hoje no CCBB, Eduardo Wotzik põe bailarinos em cena, sem uma linha de texto sequer. Em 'Daqui a duzentos anos', no Espaço Sesc, o ator Luis Melo narra três contos de Tchecov em montagem praticamente sem recursos cênicos, dirigida por Márcio Abreu

## EDUARDO WOTZIK

Há anos tenho sido o maior defensor da palavra. Sempre me senti seu guardião cênico, e quem acompanha meus espetáculos sabe disso. A palavra como ação, como produtora do imaginário, como instrumento da perplexidade do ser humano. Com o Centro de Investigação Teatral (como chamo a companhia), venho há 26 anos gritando através das extraordinárias palavras de Eurípides (*Tróia*), García Lorca (*Yerma*), Eduard Albee (*Um equilíbrio delicado*), Molière (*Escola de Mulheres*), Nelson Rodrigues (*Bonitinha mas ordinária*), chegando a investigação ao seu ponto de saturação na *Sonata Kreutzer*, com o Luis Melo: um homem, um banquinho de piano e uma história (Tolstoi) para contar. Tanto que percebi: pensava com palavras. E, conversando com um matemático amigo, ele me disse que Einstein pensava com imagens. Fiquei encantado.

Aí o século vira e me convida a evoluções. Talvez tenha a ver com o fim das ideologias, com o impacto do 11 de setembro. Que tal pensar através de imagens? Que tal por movimento? Que a palavra anda tão desgastada, coitada. Que um "não" hoje significa "pode ser", um "sim", "talvez". Que a palavra não vaticina mais como nos ensinaram os gregos, mas se transformou em um instrumento de descarga de energia de deixar uma criança perdida e freudianos tontos.

E então é preciso gritar de novas maneiras. Gritar com o corpo? Eu gosto. Curioso e avesso ao tédio artístico, vi uma oportunidade de mais uma vez manter a "juventude". E comecei esse novo trabalho com o movimento. Começo a dar aulas para cem bailarinas, chamo sete talentos para investigar movimentos ritualísticos, montamos *Missa para*



'ÉTICAS': teatro expresso pelo movimento

Clarice, agora *Éticas*, surge o Centro de Investigação Teatral - Movimento. Com a certeza de que um não exclui o outro, não é jogo contra, mas um jeito diferente de me expressar cenicamente. Teatro expresso pelo movimento.

Pois bem, ando muito feliz. Que, depois de anos de trabalho árduo nas palavras, o movimento pediu passagem e estou podendo abrir a cena para que ele possa se expressar. E uma nova luz se abre de investigações e pesquisa. Que viva a palavra, o movimento, que viva toda e qualquer investigação cênica que vise depurar o canal de comunicação com o espectador contemporâneo!

## MÁRCIO ABREU

Perguntaram certa vez ao neurologista Oliver Sacks o que era um homem normal. Ele respondeu que talvez fosse aquele capaz de contar sua própria história. Aqui estou desafiado a pensar sobre o valor da palavra no teatro, tarefa complexa, necessária e fascinante. Verdade que a discussão sobre o que é mais importante - palavra ou imagem - e o movimento alternante de primazia de uma em relação à outra repetem-se ao sabor das tendências da produção teatral.

Tais debates recorrentes correm o risco do desgaste, como se palavra e imagem fossem expressões de universos tão contrários que não pudessem existir em condições de complementaridade. A mim parece insuficiente considerar a palavra sem o poder de produzir imagens e a imagem sem a potência de criar discurso. É como dissociar corpo e voz de um ator como recursos expressivos. A voz é manifestação física, produzida no corpo; o corpo em silêncio também fala. Palavra sempre existirá, ainda que silenciada, deslocada, subterrânea. Corpo sempre existirá, mesmo inerte, oculto, referente ou virtual. Voltando à resposta de Sacks, importa sempre o outro: existimos no movimento em direção ao outro. Reafirmamos nossa identidade ao contar nossas histórias de cada dia, ao revelar as imagens absorvidas e recriadas na memória.

Na experiência de criação de *Daqui a duzentos anos*, lidamos com essas questões e centramos esforços no exercício da palavra. Contamos histórias e as imagens estão ali, na relação entre atores e público. A ação está na palavra e o espaço da cena é complementado necessariamente pela imaginação do espectador, convidado a criar as imagens. Retornamos a Tchecov, hábil e generoso contador de histórias. Suas palavras revelam um subterrâneo de pequenas humanidades que todos conhecemos. Por trás do signo, uma quantidade de sentidos e imagens a serem revelados. Por trás da palavra, o mundo.



MELO em 'Daqui a duzentos anos': força da palavra

A questão torna-se mais inquietante se refletirmos sobre nossas limitações e necessidades na vida e na arte. Precisamos de propostas estéticas e políticas de reativação dos sentidos e de restauração da sensibilidade. E aí, palavra e imagem são imprescindíveis.

E, voltando à palavra neste momento da história, vejo que, talvez como defesa inconsciente ao bombardeio de informações que recebemos, acabamos por limitar nossa capacidade de percepção. A realidade sensível, percebida através dos cinco sentidos, fica pobre, rápida demais, repleta de ruídos e de cores desgastadas. Fica sem viço. Parece que, aos poucos, vamos perdendo o costume de ouvir, de refletir informações. O silêncio contém a iminência da fala, o mutismo a sua impossibilidade. É preciso silenciar para resgatar a capacidade de ouvir e de se comunicar.